

APRESENTAÇÃO

Mariana Villaça¹

O número 10 da Revista Eletrônica ANPHLAC apresenta o dossiê **Cultura e Autoritarismo nas Américas** e inaugura uma oportuna mudança da publicação, que passa a ter periodicidade semestral.

Em contextos marcados pelo autoritarismo político, tão recorrente na história do continente americano, as complexas – e por vezes inesperadas - relações entre o poder e a cultura, em suas mais variadas expressões, perfazem um campo extremamente fértil de investigação que tem atraído pesquisadores de distintas especialidades no meio acadêmico. Compreender as diversas formas de autoritarismo, seus mecanismos e instituições; analisar as lutas políticas travadas no campo da cultura; entender as dinâmicas dos projetos e movimentos artísticos, bem como a natureza das negociações e dos impasses vigentes no meio artístico-intelectual são apenas algumas das preocupações que transparecem em pesquisas voltadas a esse tipo de abordagem.

Ao eleger o tema **Cultura e Autoritarismo nas Américas**, o dossiê tem o objetivo de divulgar trabalhos que analisam dinâmicas e relações tecidas entre manifestações do campo cultural e formas de autoritarismo nas Américas, em suas diversas expressões históricas. Vale destacar que, coincidentemente, vários trabalhos selecionados tiveram como foco o período dos regimes militares na América Latina, especialmente o caso argentino. Além disso, dos cinco artigos que compõem o dossiê, quatro são frutos de pesquisas de periódicos (*Araucaria de Chile*, *Plural*, *Vuelta* e revistas *undergrounds* argentinas), objeto de consolidada presença nas pesquisas historiográficas que privilegiam o enfoque das relações ente cultura e poder.

Além do dossiê, esse número traz o interessante trabalho de Macarena Perusset, **Dinámicas socio-culturales entre los grupos guaraníes frente a la violencia del régimen de encomienda. Paraguay (siglos XVI-XVII)**. O artigo promove uma síntese bibliográfica do tema *encomiendas* na América espanhola, com destaque para as

¹ Professora de História da América da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Campus Guarulhos.

especificidades deste processo no contexto colonial paraguaio – e em menor escala platino - entre os séculos XVI e XVII. Além de abordar o processo de institucionalização do sistema de *encomiendas* nessa região, apresenta suas características e levanta algumas problemáticas quanto aos impactos produzidos junto às aldeias guaranis.

Em seguida, temos o artigo de Fernando Atique, intitulado **Urdduras Continentais no debate acerca do *Mission Style*. Notas sobre o Pan-Americanismo na Arquitetura Neocolonial**, que nos oferece uma original contribuição situada na fronteira entre História e Arquitetura. O autor reflete sobre as relações e a circulação de ideias entre Estados Unidos e América Latina ao abordar a intensa “pan-americanização” da arquitetura em todo o continente, entre os anos de 1920 a 1950. O artigo salienta as origens e o processo de configuração do por ele chamado estilo “neocolonial americano”, por meio de uma vasta gama de fontes, que incluem manuais, revistas, livros, obras arquitetônicas e publicações produzidas por universidades.

Abre o dossiê o artigo **Fragments de leitura nas lembranças feministas: Brasil e Argentina, 1960 – 1980**, de Joana Vieira Borges, pesquisadora que analisa as memórias de leitura de duas feministas, a argentina Alejandra Ciriza e a brasileira Ângela Xavier de Brito, por meio de suas narrativas sobre os períodos das ditaduras militares que vivenciaram. A autora investiga aspectos da formação dessas feministas, como as obras que lhes foram referenciais e o impacto que produziram em suas militâncias, promovendo um interessante exercício de comparação entre expressões do feminismo em dois países latino-americanos.

O artigo **Resistencia y persecuciones en el cine argentino bajo el Terrorismo de la Alianza Anticomunista Argentina (1974-1976)**, de Gisela Paola Honorio, também adentra o contexto histórico argentino, focando a especificidade da produção cinematográfica censurada pouco antes e durante o regime militar. A autora analisa os filmes *El Búho* (Bebe Kamín) e *El grito de Celina* (Mario David), realizados em 1975, que só puderam estrear no país em 1983. Por meio de entrevistas e pesquisa em periódicos, a autora levanta aspectos da produção dessas obras, como os projetos concebidos por seus diretores, os enredos dos filmes, as trajetórias dos cineastas e as ações repressivas, a cargo da Triple A e das Forças Armadas, que estes e outros integrantes das respectivas equipes sofreram.

Evangelina Margiolakis, em **Revistas *subterráneas* en la última dictadura militar argentina: la cultura en los márgenes**, analisa o lugar que revistas culturais denominadas *subterráneas* ou *underground* ocuparam na cena cultural, no contexto da ditadura militar argentina. Detendo-se sobre um conjunto de treze publicações, a autora analisa a rede de colaborações e os espaços de sociabilidade que estas promoveram, os projetos de intervenção na sociedade e os debates que apresentaram, bem como as condições de produção e circulação que as marcaram.

O artigo ***Araucaria de Chile: uma revista de resistência cultural***, da historiadora Êça Pereira da Silva, aborda as ideias culturais e políticas difundidas pela revista *Araucaria de Chile*, (1978-1990), publicada por um grupo de intelectuais chilenos exilados, ligados ao Partido Comunista Chileno (PCCh). A autora demonstra como essa revista, de claro posicionamento político contra o regime pinochetista e demais ditaduras sul-americanas, divulgou e analisou as diversas manifestações artísticas de chilenos no exílio, e quando possível, no próprio país, atuando como elo entre a cultura chilena “de dentro” e “de fora” .

Fechando o dossiê, temos o artigo de Silvia Cezar Miskulin, **O papel do intelectual no México nos anos setenta e oitenta: polêmicas nas revistas *Plural e Vuelta***. A autora analisa *Plural* (entre 1971 e 1976) e *Vuelta* (1976 a 1998), duas publicações que estiveram sob a direção de Octavio Paz, reuniram expressivos intelectuais mexicanos e contaram com uma ampla gama de colaboradores internacionais. Ambas as revistas abriram espaços para diversas polêmicas, e Silvia, neste artigo, dá destaque à recorrente discussão sobre o papel do intelectual, focando, dentre outros temas, a repressão ao movimento estudantil mexicano, em 1968, e as relações desses intelectuais com os governos do PRI.

Por fim, esse número conta ainda com duas resenhas, não distantes do tema do dossiê: Nicolás Veniteri analisa o livro *El Nuevo Topo. Los caminos de la izquierda latinoamericana* (Buenos Aires, Siglo XXI, 2009), de Emir Sader; e Fábio da Silva Souza nos apresenta *A Revolução Mexicana*. (São Paulo: Editora UNESP, 2010) de Carlos Alberto Sampaio Barbosa.

Agradecemos a todos os colaboradores, autores e pareceristas que contribuíram com esse número, cuja revisão esteve a cargo de Maria Alice Sampaio.

Desejamos aos leitores que desfrutem esta edição e participem da Revista, que continua recebendo contribuições em fluxo contínuo.